

Trabalhador com deficiência como empreendedor tradicional ou apoiado

Disabled worker as a traditional or supported entrepreneur

Romeu Kazumi Sasaki

Especialista e inclusão

Ativista de direitos das pessoas com deficiência (1979/2021).

Consultor de inclusão e autor de livros e artigos sobre reabilitação profissional, educação inclusiva, colocação laboral, acessibilidade, terminologia, história do atendimento a pessoas com deficiência (1960/2021).

Ex-presidente da Associação Nacional do Emprego Apoiado (Anea).

Membro do Conselho Consultivo da Anea.

Atividade virtual como palestrante, instrutor de cursos e consultoria

Criador do Projeto Sociedade Inclusiva na plataforma APOIA.se

romeusasaki@gmail.com

Brasil

RESUMO

O presente texto trata do amplo universo do empreendedorismo praticado por pessoas com qualquer tipo de deficiência severa. Entre os temas incluídos, constam: a longa história do empreendedorismo, dados estatísticos, boas práticas, tipos de empreendedorismo, empreendedores no Brasil e em outros países, diferenças conceituais entre empreendedores tradicionais e apoiados, terminologias, exemplos de perfil empreendedor, referências bibliográficas.

Palavras-Chave: empreendedorismo; trabalho por conta própria; autoemprego; empreendedorismo tradicional ou apoiado; estudos de caso.

ABSTRACT

This text deals with the extensive universe of entrepreneurship as practiced by persons with severe disability of all types. Included are chapters, such as: the long history of entrepreneurship, statistical data, good practices, entrepreneurs in Brazil and other countries, types of entrepreneurship, conceptual differences between traditional and supported entrepreneurs, terminology, examples of the entrepreneur profile, bibliographic references.

Keywords: *entrepreneurship; own business; self-employment; traditional or supported entrepreneurship; case studies.*

1. INTRODUÇÃO

O título desta apresentação *online* resgata cerca de 100 anos (1920/2020) de experiências laborais, praticadas na maioria dos países ao redor do mundo, com grande esforço das pessoas com **deficiência severa** no **mercado de trabalho** ou, mais especificamente, no contexto dos **pequenos negócios**.

Observação: O citado lapso de um século aconteceu 90 anos depois das primeiras práticas de “autoajuda financeira através de cooperativas”, organizadas por trabalhadores com deficiência visual a partir de 1830 até 1920, na Grã-Bretanha. Segundo Young & Ashton (1956), aqueles trabalhadores já foram, na época, denominados **empreendedores** (“entrepreneurs”, p.25), cujas ações laborais por conta própria foram fortemente defendidas pelo economista e filósofo inglês Jeremy Bentham e o trabalho deles foi chamado **empreendimento** (“enterprise”, p.26). No entanto, é preciso levarmos em consideração que aquele **empreendedorismo** — diferentemente do que houve mais de 90 anos depois — foi praticado nos contextos da pobreza e miséria e da exploração de mão de obra barata, contextos estes agravados pelos efeitos negativos da Revolução Industrial britânica. Apesar disso, a teoria benthamista — que favoreceu a aplicação do pensamento científico às questões sociais (YOUNG & ASHTON, 1956, p.26) — contribuiu para o aperfeiçoamento, em 1830, da velha Lei dos Pobres, que era de 1601.

O termo “pequeno negócio” (em inglês, *small business*) foi o primeiro nome adotado nos EUA há um século, sugerido pelos praticantes da reabilitação profissional de pessoas com deficiência para se referirem às **atividades laborais por conta própria**, protagonizadas por alguns de seus clientes que tinham deficiência severa.

Eu mesmo, a partir da década de 60, quando iniciei meu trabalho remunerado como especialista em recolocação laboral na empresa Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) e depois como orientador profissional de colocação no Instituto de Reabilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IR/FM-USP), prestei apoio técnico a vários clientes com deficiência severa que desejavam montar e praticar algum negócio por conta própria, principalmente fora da residência deles.

1.1 – Exemplo 1

Uma das recordações mais antigas que tenho aconteceu entre 1961 e 1962 e se referia ao imigrante japonês Yasuji Moromisato, que trabalhava na CAC antes de 1960. Quando o conheci, ele já estava afastado do emprego por causa da ocorrência da esquizofrenia e, por isso, havia sido aposentado por “invalidez permanente”, como informava o seu prontuário. Então, o meu trabalho teve duas fases. Na primeira, fiz entrevistas com ele na clínica médica onde ele estava para receber em breve a alta do tratamento ambulatorial, e também com o psiquiatra dele. Na segunda, após a efetivação da alta dele, prestei apoio concreto àquele trabalhador, que não queria retornar à função burocrática que exercia antes do surto na CAC. Ajudei-o a concretizar o seu maior desejo: Ele queria cultivar e vender agrião em um minúsculo sítio onde morava com a sua família, nos arredores da Capital paulista. Certa vez, passei um dia inteiro no sítio, observando-o na realização das suas tarefas enquanto eu conversava com ele. Constatei a sua dedicação e o seu sucesso naquela atividade agrícola, que estava lhe possibilitando a sobrevivência dele, da esposa e do filho com 10 anos de idade. Lembro-me de que fizemos uma pausa no trabalho quando, gentilmente, ele me convidou para almoçar com a família. Foi uma inesquecível refeição simples e saborosa: Arroz cozido à japonesa, sardinhas panadas fritas na hora, sopa de missô, chá verde e, regada ao molho *shoyu*, uma enorme salada de agrião fresco, colhido no próprio sítio.

1.2 Exemplo 2



Gonçalo Borges observado pela Princesa Michiko

No final da década de 70, conheci o jovem Gonçalo Borges, que já vinha praticando o empreendedorismo há mais de 10 anos, com a produção e a venda de seus trabalhos de desenho artístico e publicitário. Sua deficiência física congênita (braços virados para trás) fez com que ele aprendesse a desenhar e pintar com o pincel na boca ou em um dos pés. Dirigia automóvel com os pés graças a uma adaptação que ele inventou na base da barra de direção. Sentado no banco do passageiro, fui com ele dar uma longa volta pelo centro da cidade de São Paulo. Também com os pés executava muitas tarefas que utilizam equipamentos, aparelhos etc. Em 1981, a convite da *Japan Sun Industries* (parceria da Sociedade Japonesa para o Emprego de Pessoas com Deficiência e da *Rehabilitation International*), chefeei a delegação brasileira, com o Gonçalo incluído, para participar da *I Abilympic Internacional de Habilidades Profissionais*, no Japão. A foto mostra-o com o pincel na boca executando o desenho e a pintura de um enorme desenho publicitário sob o olhar atento da então Princesa Michiko, da Família Imperial, que se inclinou discretamente em sinal de respeito para com o profissional Borges.

1.3 Exemplo 3



Eduardo Souza consertando relógio

Tive a oportunidade de prestar apoio concreto a Eduardo Luiz Souza — um jovem com paraplegia que, na década de 60, foi meu cliente no IR/FM-USP. De início, ele usava um par de bengalas canadenses (que aparecem na foto) e mais tarde passou a utilizar cadeira de rodas. Ele desejava muito instalar uma pequena oficina de conserto de relógios. Então, consegui que

uma grande indústria de relógios, a Dimas de Melo Pimenta (Dimep), doasse todos os equipamentos, ferramentas e materiais necessários para o Eduardo iniciar o trabalho na pequena loja de sua propriedade, instalada em um imóvel localizado próximo à Av. Paulista, na cidade de São Paulo. Ele desempenhou com sucesso o seu trabalho por conta própria durante muitos anos e, por esse mérito, convidei-o a participar da *II Abilympic Internacional de Habilidades Profissionais*, na Colômbia em 1985. Após nosso retorno ao Brasil, apresentei o Eduardo para fazer parte do Movimento pelos Direitos das Pessoas Deficientes - MDPD.

2. TERMINOLOGIA

Desde as suas origens, foram atribuídos os seguintes nomes, não necessariamente nesta ordem: pequeno negócio, trabalho por conta própria, pequeno empreendimento, pequena empresa, modalidade empresarial de emprego apoiado, negócio empreendedor, trabalho autônomo, trabalhador único, autoemprego, indústria caseira, indústria simples, microempresa, escritório doméstico e, em alguns casos, trabalho em casa (*home-office*, enquanto as demais modalidades de empreendedorismo localizam-se fora de casa, ou seja, na comunidade aberta).

Vejam outras considerações sobre a terminologia.

2-1 — Da OIT

Em seu livro *“Vocational rehabilitation of the disabled”*, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), acolhendo uma sugestão do Governo dos EUA, defende que o conceito **trabalho adequado** (“suitable work”) *“deverá abranger qualquer tipo de atividade remunerada”*, inclusive **autoemprego** (“self-employment”), portanto **por conta própria em todas as áreas laborais** (“on their own account in all fields of work”). (INTERNATIONAL LABOUR OFFICE, 1954, p.5, 19, 21, 32, 34, 35 e 37).

A OIT concedeu permissão para Mary E. Switzer, diretora da Administração de Reabilitação Profissional dos EUA, reproduzir em 1960 a versão atualizada do livreto

“*Vocational rehabilitation in the United States*”, originalmente publicado pela OIT em 1958. Nele há uma informação sobre a Lei Randolph-Sheppard de 1936, “*segundo a qual é dada preferência a trabalhadores com cegueira para estabelecer e operar estande equipada com máquina de vender*” (grifos meus), instalada em propriedades federais. Ao mesmo tempo, este tipo de **negócio por conta própria** (para vender os mais diversos tipos de produtos) foi permitido em algumas propriedades estaduais e até municipais (GOVERNO DOS EUA, 1960, p.17).

Outra publicação — *Promovendo a diversidade e a inclusão mediante adaptações no local de trabalho: um guia prático* —, da OIT, faz uma oportuna observação conceitual e terminológica para desfazer um sério equívoco na interpretação do termo **igualdade**. No item intitulado “Como a adaptação razoável favorece a promoção da igualdade?”, ela considera que [com grifos meus]:

“Ao refletirem sobre o significado da **igualdade**, muitas pessoas poderiam concluir que a **igualdade** significa tratar uma pessoa ou um grupo de pessoas da mesma maneira que tratamos outra pessoa ou outro grupo de pessoas, em circunstâncias idênticas ou semelhantes, independentemente das características pessoais. Este modo de entender a **igualdade** tem o seu reflexo na noção de que seria errado negar a alguém um trabalho por causa de características como o seu gênero ou origem étnica. Esta noção é com frequência resumida pela expressão “**igualdade formal**”. Todavia, há situações em que tratar alguém de maneira idêntica não resultará em **igualdade autêntica**. É aqui que o princípio das adaptações razoáveis pode intervir para ajudar a garantir a **igualdade de oportunidades e de tratamento no local de trabalho**”. (OIT, 2018, p.30)

A referida publicação prossegue com um exemplo [com grifos meus]:

“Um empregador faz uma entrevista de emprego em uma sala situada no primeiro andar ao qual só se pode chegar mediante uma escada íngreme. Todos os candidatos à vaga de trabalho têm de subir pela escada para chegar à sala de entrevistas, requisito este que é **igual para todos**. Mas, é óbvio que este requisito na prática não conduzirá a uma **igualdade autêntica** para as pessoas que usam cadeira de rodas. Dado que elas não conseguem chegar à sala de entrevistas, não terão a oportunidade de competir pelo posto de trabalho, sem contar que entre elas pode estar a candidata melhor preparada. Este exemplo ilustra que, para conseguir a **verdadeira igualdade**, é necessário às vezes mudar o ‘modo costumeiro’ de fazer as coisas e responder a situações pessoais diferentes. Neste caso, o empregador poderia fazer a entrevista em uma sala do andar térreo. Idealmente, o empregador poderia mudar o local de **todas** as entrevistas para um local acessível, assim assegurando que

todos os candidatos poderiam facilmente chegar à sala de entrevistas e serem entrevistados **no mesmo ambiente**". (OIT, 2018, p.30-31)

A publicação conclui com as seguintes observações [com grifos meus]:

“Há um crescente reconhecimento internacional de que tratar todas as pessoas da mesma maneira não é suficiente para realizar a **igualdade**. O termo **igualdade substantiva** é utilizado para refletir um entendimento diferente sobre o que a **igualdade** exige. Isto coloca em foco o fazer frente às desvantagens, à subrepresentação e à marginalização no mercado de trabalho. Reconhece que a presente maneira de fazer as coisas foi modelada com frequência pela vida laboral daqueles que historicamente dominaram no mercado de trabalho. Por exemplo, a **estrutura tradicional** (jornada completa) do horário de trabalho era adequada aos trabalhadores em bom estado de saúde e sem a obrigação de precisar cuidar de alguém. Do mesmo modo, as mulheres e as meninas são mais vulneráveis à infecção pelo HIV e, devido às **desigualdades de gênero**, essa epidemia as afeta **de maneira desproporcional**. Em particular, as mulheres carregam com frequência uma parte **desproporcional** das tarefas de prestação de cuidados dentro da família, o que por sua vez repercute em sua vida laboral. Desenvolver um mercado de trabalho mais inclusivo significa que as **práticas ‘padronizadas’** precisam ser reconsideradas a fim de se adequarem à **diversidade** da atual força de trabalho”. (OIT, 2018, p.31)

É, portanto, correto entendermos que estivemos utilizando com frequência há décadas o conceito de **igualdade** no sentido de **igualdade formal**, isto é, tomando-o como um valor absoluto, definitivo, genérico e aplicável indistintamente a qualquer situação que envolva — por exemplo — pessoas com deficiência. Daqui para a frente, devemos considerar a especificidade de cada situação a fim de que possamos garantir a implementação da **igualdade autêntica, substantiva**, como recomenda a OIT. Em outras palavras, trata-se do conceito de **equidade**. A **equidade** seria a **igualdade** ajustada, adequada, a cada situação, respeitando o **direito ao tratamento justo** de cada pessoa em sua singularidade.

2-2 — De McGowan & Porter

Em seu livro sob o título *“An introduction to the vocational rehabilitation process: A training guide”*, John McGowan & Thomas Porter ampliam o conceito de **ocupação lucrativa** (em inglês, “gainful occupation”), portanto competitiva, e incluem — além do tradicional **emprego** e do **emprego protegido dentro de empresa** (“sheltered employment within an industry”), ambos obviamente com vínculo empregatício — as seguintes atividades SEM vínculo empregatício: **autoemprego** (“self-employment”), **profissional autônomo** (“private

practitioner”), **atividade doméstica** (“homemaking”), **trabalho na roça ou na família** (“farm or family work”) e **indústria caseira** (“home industry”). (MCGOWAN & PORTER, 1968).

2-3 — Do Governo dos EUA

No livreto publicado também pelo Governo dos EUA, intitulado “*Getting back to work*” (1991), são explicadas, por exemplo, seis principais opções para uma pessoa considerar quando se encontrar desempregada:

- O mesmo tipo de trabalho do qual ela foi demitida.
- Um tipo de trabalho semelhante ao emprego anterior.
- Um tipo de trabalho bem diferente do emprego anterior.
- Treinamento para um novo tipo de trabalho.
- Aposentadoria.
- **Um negócio por conta própria** (grifos meus).

Diz este livreto que a opção do negócio por conta própria “*requer algum dinheiro para começar, trabalho duro, dedicação e desejo de correr risco. Contudo, muitos trabalhadores acham que o autoemprego compensa e é a opção certa para você. Publicações, treinamentos e, em alguns casos, empréstimos estão disponíveis para ajudar você a iniciar um negócio por conta própria.*” (GOVERNO DOS EUA, incluídas na legislação de 1991).

2-3 — Da ONU

Eis que, em 13/12/2006, a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) adotou, por unanimidade, o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD, com 50 artigos) e seu Protocolo Facultativo (PF, com 18 artigos) debatido, elaborado e redigido de 2002 a 2006 pelo Comitê instituído pela própria ONU. Finalmente, o Comitê aprovou o texto final em 13/08/2006. Consta no parágrafo ‘f’ do Artigo 27, que trata do tema Trabalho e Emprego, que [com grifos meus]:

“Os Estados Partes salvaguardarão e promoverão a realização do direito ao trabalho, inclusive daqueles que tiverem adquirido uma deficiência no emprego, adotando medidas apropriadas, com o fim de, entre outros:

(f) Promover oportunidades de **trabalho autônomo, empreendedorismo**, desenvolvimento de **cooperativas** e estabelecimento de **negócio próprio**” (CDPD, 2006).

3. PERFIL EMPREENDEDOR

O perfil empreendedor representa a primeira qualidade que deverá ser descoberta, identificada ou reconhecida pelos profissionais de colocação laboral nos clientes que pretendem dedicar-se a um **trabalho por conta própria (autoemprego)**. Além de sugerir a previsão de reunir suficiente capital para começar o negócio (por ex., para cobrir custos das ferramentas essenciais, estoque, matérias-primas, aluguel ou compra de pequeno imóvel), a OIT reconhece que os seguintes fatores são imprescindíveis no perfil empreendedor (INTERNATIONAL LABOUR OFFICE, 1984):

- Habilidade empresarial.
- Conhecimento sobre os tipos de negócios, inclusive vendas e *marketing*.
- Capacidade e desejo de trabalhar arduamente e ser capaz de suportar um longo dia de trabalho.
- Habilidade de aprender de outras pessoas e dos erros cometidos.
- Gosto por determinado tipo de trabalho e cumprimento de responsabilidades assumidas.

Por sua vez, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae reconhece as 10 qualidades do empreendedor de sucesso (SANTANA, 1994):

- Assumir riscos.
- Aproveitar oportunidades.
- Conhecer o ramo.
- Saber organizar.
- Tomar decisões.
- Ser líder.
- Ter talento.
- Ser independente.

- Manter o otimismo.
- Ter tino empresarial.

O livro “*Small business enterprises for the severely handicapped*”, do Governo dos EUA, publicou a edição aumentada e atualizada de 1949, 1950 e 1951, incluindo várias centenas de negócios por conta própria que estavam sendo conduzidos ou operados por pessoas com deficiência severa. Este livro também apresentou um perfil empreendedor, resultante da análise dos casos bem-sucedidos, nos seguintes termos (GOVERNO DOS EUA, 1955):

- Conhecimento do ramo de atividade.
- Capital suficiente para assegurar um começo satisfatório.
- Desejo e capacidade de trabalhar com grande empenho.
- Conhecimento do mercado, das necessidades e dos hábitos das pessoas.
- Habilidades de vendedor.
- Desejo de estudar e aprender de outras pessoas.
- Amor pelo negócio: gostar de pessoas, responsabilidade e administração.

Finalmente, incluo aqui a lista composta por 4 grupos de perfil empreendedor, defendida por Reinaldo Messias, então consultor de empreendedorismo do Sebrae-SP (SAMPAIO, 2012):

- Planejador e monitor sistemático.
- Realizador.
- Comprometimento e persistência.
- Persuasivo e formação de redes de contato.

4. EMPREENDIMENTO TRADICIONAL OU APOIADO: DIFERENÇAS

A prática do **empreendedorismo tradicional** consistia, basicamente, em proporcionar às pessoas com deficiência: (1º) a sua “qualificação profissional” e (2º) a “colocação profissional” daquelas que tenham demonstrado capacidade de trabalhar até mesmo em meio às barreiras existentes na comunidade ou no mercado de trabalho. A **prática tradicional** provou

ser eficiente para a colocação de cerca de 75% das pessoas com deficiência, porém inviável para 25% por causa de sua **deficiência severa**. É importante considerarmos que as barreiras físicas e atitudinais do ambiente prejudicam tanto os 75% como os 25% daquelas pessoas.

Dentro do longo período de 100 anos, o **negócio por conta própria** foi acontecendo nos primeiros 60 anos (1920-1980) nos EUA. Mais exatamente, a prática tradicional do **pequeno negócio** ocorreu a partir de 1920, dois anos após o término da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Esta forma de atividade laboral foi considerada tão válida quanto os tradicionais **empregos com carteira assinada**, desempenhados pela maioria dos trabalhadores com ou sem deficiência. O **autoemprego** e a **pequena empresa** foram, por exemplo, tema de pesquisa conduzida e avaliada em 1964 nos Estados de Nova Jérsei, Indiana e Arkansas, nos EUA (SPANGLER, 1966). E também no livro *“Rehabilitation for the disabled: The social and economic implications of investments for this purpose”* (UNITED NATIONS, 1977, p.25-36).

No entanto, no início, o **pequeno negócio** foi instalado na residência do trabalhador autônomo, em razão da precariedade financeira que o impedia de abrir sua **pequena empresa** na comunidade. Além disso, houve situações em que o trabalho em si consistia em montar ou acondicionar peças fornecidas por indústrias locais. Daí, ter aquela atividade subcontratada sido chamada “trabalho industrial em casa” ou “indústria caseira”. Nesse sentido, Carroll Shartle escreveu (em tradução livre):

Os projetos de trabalho industrial em casa, no qual o trabalho de uma empresa é trazido para dentro da casa e retirado quando ele estiver pronto, também propiciam oportunidades para pessoa com deficiência mais severa. Arranjos combinados com empresas fabricantes de prendedores plásticos para pendurar roupas no varal são citados como exemplos bem-sucedidos de trabalho em casa (SHARTLE, 1965, p.293).

Por sua vez, o **empreendedorismo apoiado** consiste, como primeira etapa, em apoiar o candidato com deficiência severa na definição do local do seu trabalho e, na segunda etapa, treiná-lo nas funções necessárias ao exercício do seu projeto empreendedor. Com esta inversão de etapas, tem sido possível a contratação daqueles 25% que, antes da metodologia do **Emprego Apoiado**, eram sistematicamente rejeitados pelo mercado de trabalho.

De minha parte, divulguei extensamente a metodologia do Emprego Apoiado, que foi reconhecida em lei em 1986 nos EUA (SASSAKI, 1993 [a], 1993 [b], 1996, 1997, 2003, 2007, 2014 [a], 2014 [b], 2015, 2016 [a], 2016 [b], 2017, 2018 [a], 2018 [b], 2018 [c], 2018 [d], 2019 [a], 2019 [b]).

Barbara Helms *et al.* publicaram o artigo “*Supported employment in Connecticut: An examination of integration and wage outcomes*”, no qual descrevem e analisam as quatro modalidades da metodologia do Emprego Apoiado existentes por volta de 1990, ou seja, colocação individual, enclave, equipe móvel e **pequena empresa** (grifos meus). (HELMS *et al.*, 1991). A pequena empresa ou “small enterprise” constou como modalidade de emprego apoiado desde o início da década de 80 surgindo aí o conceito de **empreendedorismo apoiado**.

4-1. Histórias de empreendedores tradicionais

4.1.1 História 1



Mariane Sant'Ana em sua microempresa. Foto: Ricardo Alcará.

No artigo “Cargo: Proprietário: Pessoas com deficiência têm gerado renda e sua inclusão por meio do empreendedorismo”, com fotos de Ricardo Alcará, a autora Priscila Sampaio descreve com detalhes a história de Mariane Sant'Ana, “*uma jovem de 32 anos que, aos 20, sofreu um acidente de carro, tornando-se tetraplégica*”. Disse Mariane para a articulista: “*Não podia me tornar professora e nem tinha experiência na área de educação física, então minha irmã, que já alimentava a vontade de se engajar em um negócio, e eu tivemos a ideia de procurar uma academia de ginástica.*”. Prossegue Priscila: “*Juntas procuraram e encontraram uma boa oferta. Era um estabelecimento com 35 alunos. No entanto, estava em más condições de infraestrutura*”.

Tempos depois, *“Mariane Sant’Ana elevou o número de alunos para mais de 300, abriu mais uma unidade e permaneceu por quase oito anos. Após esse período, a empreendedora cansou do ritmo que levava em sua vida e, por questão de oportunidade financeira, vendeu as academias.”*. Disse Mariane: *“Naquele momento, eu teria de volta o valor que apliquei, além do lucro.”*. No entanto, segundo Priscila, *“a jovem não consegue ficar sem uma empresa para comandar. Sua mãe é costureira de lençol, mas só fazia por encomenda de conhecidos. Logo Mariane se associou a ela, fez crescer a demanda, contratou costureiras terceirizadas para atender a nova clientela e montou um catálogo.”*. Disse Mariane: *“É preciso reconhecer se você tem o dom de ser proprietário de empresa. É querer fazer tudo, saber de tudo e nunca está contente, sempre buscar o crescimento daquilo que é seu.”* (SAMPAIO, 2012).

4.1.2 História 2

Ainda no artigo citado na história 1, Priscila relata a trajetória de Ioannis Katsakis, que *“tem 43 anos e uma doença rara: miosite ossificante progressiva. Os músculos são paralisados, o que limitou seus movimentos dos braços e pernas. Aos 16 anos apareceram os primeiros sintomas da doença e, aos 20, passou a utilizar a cadeira de rodas motorizada.”*. Prossegue Priscila: *“Ioannis Katsakis conduz sozinho, há 19 anos, a loja de calçados que fica em uma região com forte número de consumidores, sendo uma das lojas mais movimentadas.”*. Disse ele para Priscila: *“A pessoa com deficiência não deve ficar com medo do que poderá enfrentar. Vi no mundo dos calçados, em particular os femininos, a oportunidade de criar uma boa geração de renda e mergulhei nesse negócio, sem esperar por caridade ou cooperação de ninguém. Somos capazes, tanto quanto quem não tem deficiência. Se tenho um intelectual em ótimo estado, posso também ser um ótimo empreendedor.”* (SAMPAIO, 2012).

4.1.3 História 3

O jornalista Jairo Marques publicou, em sua coluna na Folha de S.Paulo (14/07/2017, p.B3), a matéria intitulada "Empreendedora com síndrome de Down abre o seu café no centro de SP". Tão interessante e informativa que é, a matéria será transcrita na íntegra aqui.

Jéssica Pereira, 25, passou a última semana treinando a assinatura para não errar a mão em um dos momentos mais importantes da vida: firmar o contrato de abertura de seu próprio negócio, um pequeno café e restaurante no Cambuci, no centro de São Paulo. Uma promissora panqueca com massa de café e o nhoque de mandioquinha chamam a atenção no cardápio, mas o fato de a garota ser uma das primeiras empreendedoras com síndrome de Down do país é o que marca inicialmente a visita ao local, com cadeiras azul clarinho, mesas brancas e paredes cor-de-rosa.

Para realizar a façanha, Jéssica contou com economias guardadas por cinco anos em uma poupança da Caixa. Ganhou dinheiro com apresentações de teatro e em pequenos trabalhos de atendente. Mas o grosso do recurso veio por meio da união e da aposta familiar no sonho de mais independência para a vida da cozinheira, que aprendeu quase tudo com a mãe, Ivânia Della Bella, 55, e aperfeiçoou-se no Instituto Chefes Especiais, que treina e encmainha pessoas com deficiência intelectual para o mercado de trabalho.

"Minha irmã, Priscila, e meu cunhado, Douglas, desistiram de comprar uma casa para eles e me ajudaram com o dinheiro que faltava. Eles são meus amores e meus sócios", diz a empreendedora, que é metódica, disciplinada, apaixonada por novelas e é fã do ator Mateus Solano. Jéssica ficará na cozinha do Bellatucci Café, que abre as portas neste sábado, mas pretende recepcionar cada um dos clientes, porque adora o contato com o público e servir as pessoas. Ao lado dela, irão trabalhar outras quatro pessoas downs, em jornadas de quatro horas. A família da garota ficará na retaguarda.

"Quero falar obrigada para cada um que vier aqui. Gosto de gentilezas, de pedir por favor, com licença. Chamei apenas amigos para trabalharem comigo para ter um ambiente de muito amor". De acordo com a mãe, a cidade de São Paulo está "dando um norte para outras milhares de pessoas com síndrome de Down".

Há cerca de um mês, a cidade de São Paulo ganhou o primeiro café, na rua Augusta, nos Jardins, comandado por pessoas downs, o Café Chefes Especiais. O Bellatucci Café está na rua Hermínio Lemos, 372, e vai abrir de segunda a sexta-feira das 8h às 18h e, aos sábados, das 9h às 14h. (MARQUES, 2017).

4.1.4 História 4



Livro de Ari Protázio com a foto dele na capa.

Uma história atual de **empreendedorismo tradicional** é o que o profissional brasileiro Ari Protázio praticou e ainda pratica desde a sua adolescência e ao longo de sua vida adulta. Conta ele, em seu livro “Acredite! Você pode!!!” (PROTÁZIO, 2019), que, quando ele tinha apenas três meses de vida, “*meus pais perceberam uma anormalidade em meus olhos e me levaram ao médico. Logo veio o diagnóstico: glaucoma congênito nos dois olhos.*” Dos 7 aos 16 anos de idade (1973-1982) em que ficou internado no Instituto Padre Chico, uma entidade que atendia pessoas com cegueira ou baixa visão, na capital paulista, Ari Protázio aprendeu a tocar piano e teclado, a cantar e a entender o mundo da música em geral. Daí, na idade adulta, para apresentar-se como cantor e pianista – em ruas, praças, galerias, bibliotecas, bares, casas noturnas, bufês, hotéis, eventos corporativos ou sociais - foi um pulo. Graças a um “**olhar empreendedor**” (p.47), Ari produziu CDs com suas músicas, os quais foram vendidos pela equipe que ele montou, além de receber cachês por suas apresentações. Começava aí a sua estreia como **empreendedor tradicional**, atuando em mais de 2.500 eventos, utilizando tecnologias as mais modernas.

4-2. Empreendedores apoiados nos EUA e Brasil

No início do ano de 1980, quando surgiu nos EUA a **metodologia do Emprego Apoiado**, tanto os empregos tradicionais como os **negócios por conta própria** se valeram das vantagens do emprego apoiado. E foi assim que, lá, os profissionais de reabilitação profissional, com o objetivo de não confundir o mercado de trabalho, denominaram a antiga prática como **pequeno negócio tradicional** e a nova prática (1980-2020) como **pequeno negócio apoiado**. Nos EUA, o emprego apoiado foi regulamentado pela Emenda de 1986 à Lei de Reabilitação de 1973.

No Brasil, tive o privilégio de iniciar em 1994 a prática do emprego apoiado colocando o então "aposentado por invalidez permanente" Marco Antonio Ferreira Pellegrini na Companhia do Metropolitano de São Paulo (FOLHA DE S.PAULO, 24/07/1994). Em nosso país, o emprego apoiado foi reconhecido em 2015 pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), que diz no parágrafo único do art. 37, “*A colocação competitiva da pessoa com deficiência pode ocorrer por meio do **trabalho com apoio***” (grifos meus), e determina, no art. 98, que “*constitui crime punível com reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, negar ou obstar emprego, trabalho ou promoção à pessoa em razão de sua deficiência*” (BRASIL, 2015).

Em 13/10/1996, Luiz Carlos Dutra (brasileiro residente nos EUA onde dirigia o **projeto de emprego apoiado** para pessoas surdas e surdocegas) e eu agendamos e fizemos uma visita técnica ao casal Tong, na cidade de Broussard, no interior do Estado da Luisiana. O sr. e a sra. Tong, ambos já bastante idosos, trabalhavam há muitos anos na oficina de artesanatos de madeira, instalada na garagem da própria residência. A esposa, que era surda desde a infância, havia optado pela modalidade de emprego apoiado chamada **empresarial**, a qual, anos mais tarde, seria chamada “empreendedorismo” ou “microempresa individual” (SASSAKI, 2016 [b]).



À esq: Sra. Tong. Ao centro: Casal Tong, Luiz Carlos Dutra e eu. À dir.: Uma amostra de produto.
Fotos do acervo do autor.

5. IDEIAS DE AUTOEMPREGO PARA EMPREENDER

O empreendedor Derek A. McDowell, com base nas próprias experiências exercidas no contexto do empreendedorismo, oferece algumas ideias de autoemprego especificamente para **pessoas com deficiência** que desejarem entrar neste campo de trabalho. Nas palavras de McDowell (por mim reproduzidas em tradução livre), eis alguns exemplos:

Marketing pela internet

A internet é um meio de *marketing*, e as oportunidades para uma pessoa com deficiência exercer este tipo de autoemprego são exequíveis. O *marketing* pela internet simplesmente consiste em vender produtos ou serviços usando a internet

como uma ferramenta de *marketing* preferivelmente a outras lojas, tais como as de rádios e televisores, ou incorrendo em despesas com um local varejista feito com tijolos e argamassas. O custo inicial pode ser extremamente baixo, com pacotes de hospedagem no *website* por menos de 10 dólares mensais, ao preço de abril de 2011, e um nome de domínio por cerca de 10 dólares anualmente. Em caso de que esta modesta despesa seja proibitiva, alguns métodos não requerem sequer um *website*.

Serviços de *free lance* (colaborador independente)

O campo do autoemprego vem há tempos remunerando colaboradores independentes que oferecem, da sua casa, vários tipos de serviços. Um arranjo como este pode ser perfeito para uma pessoa com deficiência. O sítio eletrônico '*A Home-Based Business Online*', por exemplo, oferece uma lista com mais de 400 ideias.

Negócio

Uma pessoa com deficiência que tenha espírito empreendedor poderia abrir um negócio no bairro onde mora; é claro que ela precisa considerar o tamanho e o objetivo desta operação e de que forma a sua deficiência causaria um impacto na habilidade de conduzir o negócio, especialmente se a sua deficiência apresentar algum desafio. Contudo, muitos tipos de negócio não serão um grande problema para a pessoa com deficiência física, tais como venda de seguros, orientação financeira, ou outras atividades que requerem mais habilidades intelectuais do que físicas.

Consultor

A consultoria poderia ser um trabalho que remunera muito bem para qualquer pessoa, especialmente para a pessoa com deficiência. Uma carreira de consultoria permite à pessoa moldar cada dia de trabalho de acordo com as necessidades resultantes da deficiência. Consultores com deficiência poderiam escolher o trabalho em casa ou no seu escritório fora de casa, atuando sozinho ou com um sócio e encontrando um nicho específico que seja compatível com suas habilidades e usufruir de horários de trabalho adequadamente flexíveis. Uma carreira de consultoria oferece à pessoa com deficiência a chance de se beneficiar com uma carreira que remunera bem (MCDOWELL, 2017).

6. TRABALHADORES AUTOEMPREGADOS

Desmentindo crenças populares, os autoempregos apresentam um bom índice de sucesso. Para entender a prática do autoemprego dentro do sistema federal de Reabilitação Profissional dos EUA, foram feitos diversos estudos focalizando o uso do autoemprego como um resultado laboral válido, legítimo. Eis algumas conclusões:

Durante 1991, aquele órgão governamental ajudou a iniciar 5.122 negócios por conta própria (2,5% de todos os resultados laborais), acima dos 4.973 (2,3% de todos os resultados laborais de 1990).

Os conselheiros de reabilitação profissional do governo usam o autoemprego como um resultado laboral com índices mais altos nos estados rurais do que os praticados em estados urbanos. Mais ainda, embora eles tenham atuado como conselheiros pelo mesmo espaço de tempo (os respondentes dos estudos tinham sido conselheiros por 11 anos em média), os conselheiros rurais relataram ter produzido mais autoempregos durante sua carreira do que os conselheiros urbanos (17,7% versus 5,9%, respectivamente).

O Departamento de Censos do governo federal relatou que em 1990, 10,2% da população rural estavam autoempregados, versus 6,0% da população urbana.

6-1. Em estudo mencionado no livro *“Self-employment in the State”*, publicado pelo Governo dos EUA em 1948, Carroll Shartle mostra que “quase a metade dos trabalhadores autoempregados dirigia a própria loja, estande ou pequena oficina” (SHARTLE, 1965).

6-2. Tom Seekins & Nancy Arnold, no artigo *“Self-employment in the USA”*, cujo título se assemelha ao do livro de Shartle, nos oferecem informações muito esclarecedoras para entendermos um pouco mais o empreendedorismo em forma de autoemprego. Eles consideram que pessoas com deficiência, em idade de trabalhar, tendem a ser autoempregadas com índices mais altos do que as pessoas sem deficiência na mesma faixa economicamente ativa (SEEKINS & ARNOLD, 1995).

6-3. Susan Stoddard *et al.*, em seu livro *“Chartbook on work and disability in the United States”*, relatam o seguinte:

- 12,2% dos trabalhadores com deficiência estão autoempregados versus 7,8% dos trabalhadores sem deficiência.
- 14,6% dos homens com deficiência, em idade de trabalhar, estão autoempregados, comparados com 9,6% dos homens sem deficiência, em idade de trabalhar.
- 9,0% das mulheres com deficiência, em idade de trabalhar, estão autoempregadas, comparadas com 5,6% das mulheres sem deficiência, em idade de trabalhar.

Dos 34 estados que submeteram suas políticas ao nosso estudo sobre o uso do autoemprego pelas agências do governo federal, quase um terço deles continha afirmações que desestimulavam o uso do autoemprego como um resultado laboral.

Baseados em análise das políticas e de acordo com os peritos em empreendedorismo, os seguintes componentes são recomendados para incorporar o autoemprego nos procedimentos e políticas do sistema federal de Reabilitação Profissional:

1. Avaliar o potencial empreendedor do usuário.
2. Desenvolver uma ideia empreendedora, explorar sua exequibilidade e conduzir uma análise de mercado.
3. O usuário recebe educação ou treinamento conforme sua necessidade.
4. A agência governamental e o usuário obtêm assistência técnica.
5. Um plano de autoemprego é desenvolvido.
6. O usuário determina a disponibilidade de, e solicita os, recursos de suas fontes.
7. A agência do governo federal revisa o plano de autoemprego.
8. A agência do governo federal monitora os progressos do autoemprego.

A análise dos procedimentos e políticas dos 34 estados revelou que, em apenas um estado, foram cumpridos todos os 8 componentes acima listados.

Foram coletadas informações sobre os ramos de autoemprego que as agências ajudaram a implantar. Uma crítica comum contra o autoemprego é que os ramos que os usuários querem iniciar não são práticos e são mais praticados como *hobby*, tais como trabalhador em couro, taxidermista ou oleiro. Ao mesmo tempo, nossa análise descobriu uma ampla gama de ocupações, tais como: fazendeiro, empreiteiro, quiroprático, escritor; soldador, construtor de barcos, contabilista, conselheiro, mecânico de automóveis, dono de oficina de bicicletas, afinador de piano, faxineiro, dono de restaurante, cuidador de crianças, agente de bens imóveis.

Para as pessoas com deficiência que moram em zonas rurais, o autoemprego oferece uma opção onde empregadores e empregos são escassos, salários são baixos e os empregos disponíveis exigem esforço físico. Se você quiser trabalhar, você poderá ter de criar um trabalho para si mesmo (STODDARD *et al.*, 1998).

7. EMPREENDEDORES COM TETRAPLEGIA

Em uma pesquisa feita via correios em 1963, foi obtida a remessa de respostas preenchidas por 54 pessoas com tetraplegia que estavam trabalhando.

TABELA 1 – Nomes das ocupações exercidas por pessoas com tetraplegia.

* Autônomos que trabalham em casa.

** Autônomos que trabalham fora de casa.

Sem asterisco: Funcionários que trabalham nas empresas que os contrataram.

<p>ÁREA PROFISSIONAL</p> <p>contabilista do setor de impostos (1) * artista (1) ** editor e assistente para livros (1) professor de história em faculdade (1) advogados pesquisadores (2) oficial de justiça municipal (1) bibliotecário de prontuários médicos (1) médico pesquisador (1) terapeuta ocupacional (1) pesquisador em história (1) examinador-chefe, seção do pessoal (1) artista e desenhista de publicidade (1)</p> <p>ÁREA DE ESCRITÓRIO</p> <p>guarda-livros (1) ** guarda-livros (4) supervisor de programa de TV (1) auxiliar geral de escritório (1) auxiliar de publicações (1) auxiliares de informações (3) secretários (2)</p>	<p>ÁREA GERENCIAL</p> <p>gerente de vendas no varejo (1) ** gerente de serviços de automóvel (1) ** gerente de limpeza de escritório (1) ** gerente de venda de máquinas agrícolas (1) ** gerente de loja de <i>souvenirs</i> (1) ** gerente assistente de lojas (1) diretor de compras (1) gerente de doações (1) gerente de serviços de telefonia (1) ** consultores de finanças (2) administrador de doações religiosas (1) diretor de equipe de voluntários (1)</p> <p>ÁREA DE VENDAS</p> <p>corretores de seguros (3) corretor de seguros (1) ** vendedores de equipamentos de telefonia (3) *</p> <p>ÁREA DE ESPECIALIDADES</p> <p>artesãos em joalheria e artigos de couro (2) ** relojeiro (1) ** especialista em órteses (1)</p>
<p>Profissões: 15 (27,8 %) Gerência: 15 (27,8 %) Escritório: 13 (24,1 %) Vendas: 7 (12,8 %) Especialidades: 4 (7,4 %) TOTAL: 54 (99,9 %)</p>	

Antes de conseguirem trabalho, elas haviam sido reabilitadas física e profissionalmente no Departamento de Medicina Física e Reabilitação (DMFR), do Centro Médico da Universidade de Nova York. Os resultados da pesquisa foram publicados no relatório intitulado “*Specialized placement of quadriplegics and other severely disabled*” por Howard A. Rusk, então diretor de pesquisa do DMFR (RUSK, 1963).

Constou na publicação a Tabela 1 (Nomes das ocupações exercidas por pessoas com tetraplegia), donde destacamos as seguintes respostas escritas pelos 54 ex-clientes do DMFR, aparecendo entre parênteses a quantidade de trabalhador em cada ocupação. Atenção para os trabalhadores autônomos que atuam dentro ou fora de casa.

8. MAIS EMPREENDEDORES BRASILEIROS

Fernando Dolabela & Cid Torquato, em seu livro “Empreendedorismo sem fronteiras: Um excelente caminho para pessoas com deficiência”, além de dedicar 90% do texto ao histórico e à teoria do empreendedorismo, apresentam um breve histórico sobre 11 pessoas com deficiência que têm sido empreendedoras nos últimos 20 anos no Brasil. São elas, em cuja descrição manteve a maioria das palavras utilizadas por esses dois autores (DOLABELA & TORQUATO, 2015):



Capa do livro de Dolabela & Torquato

Eduardo José Magalhães Martins Júnior

Nasceu com malformação congênita múltipla (ausência dos braços e da perna direita). Montou em casa o *home studio*, para dar aulas de canto popular e produzir gravações com equipamentos especializados.

Paulo Cesar Marinho Fernandes

Aos 10 anos de idade, um acidente o deixou com paraplegia e em seguida precisou usar uma cadeira de rodas. Abraçou os esportes, inclusive o basquete em cadeira de rodas. Profissionalmente, tornou-se empresário no ramo das tecnologias assistivas, destinadas à locomoção.

Mara Cristina Gabrilli

Aos 26 anos de idade, em consequência de um acidente rodoviário, ficou com tetraplegia. Formou-se em psicologia e publicidade. Cercada de barreiras arquitetônicas por todos os lados, tornou-se empreendedora ao criar o Projeto Próximo Passa (PPP) e o Instituto Mara Gabrilli. Tornou-se Secretária Municipal da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida, vereadora, deputada federal e senadora.

Renato Bueno de Camargo Laurenti e João Pacheco Fernandes Neto

Em consequência de acidente rodoviário, Renato ficou com paraparesia, com movimentos limitados de braços e mãos. João ficou com tetraplegia, sem os movimentos e a sensibilidade dos ombros para baixo. Renato e João vieram a se conhecer, ficaram amigos e decidiram tornar-se empreendedores-sócios da loja virtual Comoir, dedicada à compra e venda de produtos necessários ao dia a dia de pessoas com deficiência física.

Naomi Uezu

Naomi não tem uma deficiência, mas tem uma doença rara, sem cura, chamada narcolepsia (ataque incontrolável de sono), que se manifesta a qualquer momento em qualquer lugar. Profissionalmente, ocorreu-lhe “viver de arte”, descobrindo o *kirigami*, uma técnica japonesa de arte em papel. Isto ajudou Naomi a conquistar uma bolsa de estudos que a levou até a Universidade de Belas Artes de Okinawa, onde se formou em Design Gráfico. Mais tarde, após retornar ao Brasil e além de produzir arte tridimensional em papel, ela criou o Ateliê Naomi Uezu onde dava cursos de sua especialidade.

Dirceu José Pinto

Dirceu tem uma doença degenerativa chamada distrofia muscular de cinturas, que enfraquece a musculatura do seu corpo. Das sessões de fisioterapia que frequentou, nasceu a ideia de dedicar-se aos esportes, em especial à bocha. Venceu em vários torneios, ganhou prêmios e se tornou conhecido e respeitado no Brasil e no mundo. Passou para a prática do empreendedorismo na área de equipamentos para os esportes.

Sandra Mara da Silva Oliveira e Jony da Costa Naim

Sandra tem paralisia cerebral. Desde a adolescência, sonhava em formar-se em jornalismo. Jony também tem paralisia cerebral. Desde cedo, estudou teatro, como ator e dramaturgo, escreveu sobre suas experiências, daí o sonho de se tornar jornalista, repórter. Ambos se tornaram empreendedores ao produzir textos jornalísticos e vendê-los para revistas etc.

Billy Saga

A moto que Billy pilotava foi abalroada por uma viatura da Polícia Militar dirigida por um policial com habilitação vencida. O acidente deixou Billy com paraplegia e lhe custou a amputação de uma perna, além do trauma psicológico e da juventude bruscamente interrompida. Idealizou e concretizou a passeata Movimento SuperAção, tendo como bandeira a defesa dos direitos das pessoas com deficiência.

Mirella Withers Prodocimo

Um acidente automobilístico deixou Mirella com tetraplegia aos 15 anos de idade. Concluiu o ensino básico, o ensino superior e uma pós-graduação. Abriu a empresa Adaptare Consultoria, especializada em inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho através da adaptação do ambiente físico das empresas e da conscientização dos trabalhadores. Seu espírito empreendedor percebeu uma lacuna (“muitas empresas necessitavam de consultoria para contratar corretamente os candidatos com deficiência que as procuravam”) e resolveu preenchê-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As publicações citadas ao longo do texto se referem aos pequenos negócios por conta própria, praticados em sua maioria por empreendedores com deficiência severa. As publicações surgiram no período de 64 anos (de 1955 a 2019).

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6/07/2015** – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI).

DOLABELA, Fernando & TORQUATO, Cid. **Empreendedorismo sem fronteiras: um excelente caminho para pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro-RJ: Alta Books e Sebrae, 2015.

FOLHA DE S.PAULO. **Tetraplégico volta ao trabalho** [emprego apoiado]. 24/07/1994.

GOVERNO DOS EUA. **Small business enterprises for the severely handicapped: a catalog of small business experiences of the homebound and severely handicapped in the State-Federal Vocational Rehabilitation Program**. Rehabilitation Service Series nº 320, 1955, 152p.

GOVERNO DOS EUA. **Vocational rehabilitation in the United States**. Washington-DC: Vocational Rehabilitation Administration / Mary E. Switzer, 1960, p.17.

GOVERNO DOS EUA. **Getting back to work**. Washington-DC: Department of Labor, 1991, 19p.

HELMS, L. Barbara; MOORE, Stephen C. & McSEWYN, Cary Ann. **Supported employment in Connecticut: an examination of integration and wage outcomes**. Career development for exceptional individuals, v. 14, nº 2, outono de 1991, p.159-166.

INTERNATIONAL LABOUR OFFICE. **Vocational rehabilitation of the disabled**. Genebra, Suíça: International Labour Office, 1954, 38p.

INTERNATIONAL LABOUR OFFICE. **Employment of disabled persons: manual on selective placement**. Citações: “self-employment”, p.48; “home work”, p.50. Genebra, Suíça: International Labour Office, 1984, 119p.

MARQUES, Jairo. **Empreendedora com síndrome de Down abre seu próprio café no centro de SP**. Folha de S.Paulo, 14/07/2017, p.B3.

McDOWELL, Derek A. **Self-employment ideas for people with disabilities**. 2017. Atualizado por Derek McDowell em 26/09/2017. Site: [Self Employment Ideas for People With Disabilities \(bizfluent.com\)](http://bizfluent.com).

McGOWAN, John F. & PORTER, Thomas L. **An introduction to the vocational rehabilitation process: a training manual**. Washington-DC: Rehabilitation Services Administration, 1968, 201p.

PROTÁZIO, Ari. **Acredite! Você pode!!!** São Paulo: Edição do Autor, 2019, 130p.

RUSK, Howard A. **Specialized placement of quadriplegics and other severely disabled**. Citações: “small business by quadriplegic workers”; “self-employment”; “homebound work”. Washington-DC: Vocational Rehabilitation Administration, 1963, 67p.

- SAMPAIO, Priscila. **Cargo: proprietário: pessoas com deficiência têm gerado renda e sua inclusão por meio do empreendedorismo.** Sentidos, ano XI, nº 71, jul./ago., 2012, p.14-18.
- SANTANA, João. **Como entender o mundo dos negócios: qualidades do empreendedor, a empresa, o mercado.** Série Empreendedor. Brasília-DF: Sebrae, 1994, 62p.
- SASSAKI, Romeu. **O novo poder: seu impacto nas entidades assistenciais.** Integração, ano 6, nº 23, p. 8-11, dezembro 1993 [a].
- SASSAKI, Romeu. **Quadro sinótico “Necessidades de mediação técnica às pessoas com deficiência: cruzamento dos tipos de deficiência com seus níveis de severidade e as formas e o percentual de mediação técnica”.** São Paulo-SP: 1993 [b].
- SASSAKI, Romeu. **Emprego apoiado.** II Seminário Paranaense de Educação Especial, em Curitiba-PR, em 5-8 novembro de 1996.
- SASSAKI, Romeu. **Emprego apoiado** (p.79-80). Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 180p., 1997 (8ª ed. 2010).
- SASSAKI, Romeu. **Vida independente, emprego apoiado, autonomia e empoderamento numa perspectiva inclusiva.** Reação, ano VI, nº 33, p.4-7, julho-agosto 2003.
- SASSAKI, Romeu. **O acesso ao trabalho: Análise à luz da inclusão.** Reação, ano X, nº 59, p.20-23, novembro-dezembro 2007.
- SASSAKI, Romeu. **Inclusão laboral mediante emprego apoiado.** Reação, ano XVII, nº 99, p.12-13, julho-agosto 2014 [a].
- SASSAKI, Romeu. **A história do emprego apoiado no Brasil.** Deficiência Intelectual, ano 4, nº 6, p.17-18, janeiro-junho 2014 [b].
- SASSAKI, Romeu. **O que é a Associação Nacional do Emprego Apoiado.** Agenda Portadora de Eficiência 2015, em Fortaleza-CE, 2015, p.98-108.
- SASSAKI, Romeu. **Relação entre emprego apoiado e Lei de Cotas.** Curso de Capacitação em Emprego Apoiado, da Associação Brasileira de Desenvolvimento Social (Abads), em São Paulo-SP, 5/06/2016 [a].
- SASSAKI, Romeu. **Atualidades em colocação laboral: Metodologia do emprego apoiado.** Palestra no “Encontro Nacional de Coordenadores de Educação Profissional, Trabalho, Emprego e Renda”, da Federação Nacional das Apaes (Fenapaes), em Brasília-DF, 22-23 março 2016 [b].
- SASSAKI, Romeu. **Demanda reprimida e direito ao emprego apoiado.** Agenda Portadora de Eficiência 2017, em Fortaleza-CE, p.111-114. 2017.
- SASSAKI, Romeu. **Educação inclusiva e emprego apoiado: estratégias escolares e laborais.** Palestra na *Universidade Federal de São João Del-Rei, Campus Dom Bosco, em São João Del Rei-MG, em 8/11/2018* [a].
- SASSAKI, Romeu. **Emprego apoiado e Robert White.** Agenda Portadora de Eficiência 2018, em Fortaleza-CE, p.124-130. 2018 [b].
- SASSAKI, Romeu. **Futuro do emprego apoiado, indicadores de qualidade e desafios.** Palestra no 3º Encontro Nacional do Emprego Apoiado, da Associação Nacional do Emprego Apoiado (Anea), no Centro Universitário Salesiano (Unisal), em Campinas-SP e realizado em 6 de dezembro de 2018 [c].

SASSAKI, Romeu. *Marco regulatório e lei específica de emprego apoiado*. Palestra no 3º Encontro Nacional do Emprego Apoiado, da Associação Nacional do Emprego Apoiado (Anea), no Centro Universitário Salesiano (Unisal), em Campinas-SP e realizado em 7 de dezembro de 2018 [d].

SASSAKI, Romeu. *As sete dimensões da acessibilidade*. São Paulo-SP: Larvatus Prodeo, 300p., 2019 [a].

SASSAKI, Romeu. *Pessoas com deficiência psicossocial e seus direitos* (p.49-76). GUGEL, Maria Aparecida. (org.). *Diálogos aprofundados sobre os direitos das pessoas com deficiência*. Belo Horizonte-MG: RTM, 2019 [b].

SEEKINS, Tom & ARNOLD, Nancy. **Self-employment in the USA**. International Rehabilitation Review, vol. 46, nº 3, 1995, p.17.

SHARTLE, Carroll L. **Occupational information: it's development and application**. 3.ed. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1965, p.293.

SPANGLER, Donald P. **Employment status** (p.31-43). Service needs of paraplegics and quadriplegics / The National Paraplegia Foundation. Washington-DC: Vocational Rehabilitation Administration, 1966, 108p.

STODDARD, Susan *et al.* **Chartbook on work and disability in the United States**. Washington-DC: National Institute on Disability and Rehabilitation Research / Department of Education, 1998, 63p.

UNITED NATIONS. **Rehabilitation for the disabled: the social and economic implications of investments for this purpose**. Nova York-NY: Department of Economic and Social Affairs / United Nations Organization, 1977, 70p.

YOUNG, A.F. & ASHTON, E.T. **British social work in the nineteenth century**. Londres, Reino Unido: Routledge and Kegan Paul, 1956, 264p.

PARA SABER MAIS

Aqui, como sugestões de leitura adicional, fiz constarem livros e artigos sobre os pequenos negócios. Obtive, a partir de 1966, e estudei estas publicações que foram imprimidas ao longo de 75 anos (de 1945 a 2020).

1945. *The training and employment of disabled persons: a preliminary report*. Montreal, Canadá: International Labour Office, 302p. [Informações sobre o autoemprego praticado na África do Sul, Bélgica, Canadá, EUA, Finlândia, Luxemburgo, Nova Zelândia, Reino Unido e Suécia, p.169-173].

1953. *Small Business Act* [Lei da Pequena Empresa]. “Summary of existing legislation affecting persons with disabilities”. Governo dos EUA. Edições de 1980 (p.33) e 1988 (p.32-33).

1954. *How the public employment service helps small business*. Charles E. Odell. Management Aids for Small Manufacturers. Washington-DC: Governo dos EUA. Small Business Administration, nº 41, janeiro, (revisado em 1967), 4p.

1955. *Work on own account* (p.9); *small-scale industry* (p.15 e 26); *small business* (p.25); *homeworkers* (p.25); *remunerative work in their own homes* [que constam no documento Recomendação 99, da OIT, publicado em 1955]. “International labour standards on vocational rehabilitation: guidelines for implementation”. Genebra, Suíça: International Labour Office, 1984, 33p.

1960. *Selection, training, and assignment* (p.1-3). Carl Strahle. Small business speaks utilizing handicapped workers: foreword; questions and answers; a recommended policy for employment of the physically handicapped. Philip McCallum. Washington-DC: Small Business Administration, 19p.

1960. *Promotion and transfer* (p.4-6). Chester A. Troy. Philip McCallum. Small business speaks utilizing handicapped workers: foreword; questions and answers; a recommended policy for employment of the physically handicapped. Washington-DC: Small Business Administration, 19p.

1960. *Supervision* (p.7-11). Leo Weisfield. Philip McCallum. Small business speaks utilizing handicapped workers: foreword; questions and answers; a recommended policy for employment of the physically handicapped. Washington-DC: Small Business Administration, 19p.

1960. *Management's relationship with agencies serving the handicapped* (p.12-16). Aaron N. Solomon. Philip McCallum. Small business speaks utilizing handicapped workers: foreword; questions and answers; a recommended policy for employment of the physically handicapped. Washington-DC: Small Business Administration, 19p.

1961. *Techniques and procedures of rehabilitating severely disabled people in small business enterprise objectives*. E.L. Darden *et al.*, Washington-DC: U.S. Department of Health, Education, and Welfare, 80p.

1961. *Rehabilitation of handicapped persons through small business: summary of inquiry*. Arieh Nizan. “The National Council for Vocational Rehabilitation of the Handicapped”. Jerusalém, Israel, 27p.

1963. *Small business enterprises in vocational rehabilitation*. Wade O. Stalnaker; Keith C.Wright & Loren T. Johnston (org.). Washington-DC: Vocational Rehabilitation Administration, 42p. [Doação: Audrey Winger].

1966. *Self-employment for the handicapped*. G.R. Peterson. Employment Service Review (Journal of Federal-State Employment Service Programs and Operations). Washington-DC: U.S. GPO, setembro, v. 3, 78p.

1968. *Expectations that the outcome of vocational rehabilitation services will be a gainful occupation* (p.88). John McGowan & Thomas Porter [citando: “self-employment; homemaking; farm or family work (including work for which payment is in kind rather than in cash); and home industries or other gainful homebound work”. An introduction to the vocational rehabilitation process: A training manual. Washington-DC: Rehabilitation Services Administration, 201p.

1971. *Placement and follow-up in the vocational rehabilitation process*. A report from the study group on placement and follow-up in the vocational rehabilitation process. William Cox & Harold Viaille. [citando: “homebound employment” (p.79); “self-employment” (p.84); “small business enterprise” (p.122 e p.137)], no evento realizado em San Antonio-TX, em 10-12 maio 1971. Washington-DC: Rehabilitation Services Administration, 154p.

1972. *Another employment door opens for the homebound* (p.10). Milton Cohen. [O artigo trata do trabalho desempenhado por pessoas na própria residência, daí o nome genérico “homebound”]. Focus, v. III, nº 4, set./out. 1972, 12p. [Focus é o boletim da International Association of Rehabilitation Facilities, criada pela fusão da Association of Rehabilitation Centers com a National Association of Sheltered Workshops and Homebound Programs].

1973. *What about the homebound? technology, the key for disabled persons*. James Walter. Journal of Rehabilitation, v. 39, nº 2, p.21-22 e 41.

1974. *The professional as entrepreneur*. In: Robert Reiff. "The control of knowledge: the power of the helping professions". The Journal of Applied Behavioral Science, 10(3): July-September, p.451-461.

1977. *Home-based employment programs: effects and guidelines for program development*. Michael McGraw; Richard Convery & Martha Minter. Journal of Rehabilitation, v. 43, nº 3, p.33-35.

1977. *Environmental modification and employment of severely disabled persons* [citando: “employee, client, job in homebound”] (p.91). Kalisankar Malink. Ronald Blosser (org.). “Career development and placement services with the handicapped college student: proceedings of a midwest workshop”. Carbondale-IL: Southern Illinois University, 4-6 dezembro 1977, 136p.

1984. *Homework; home-bound* (p.76), da Organização Internacional do Trabalho. “Adaptation of jobs and the employment of the disabled”. Genebra, Suíça: OIT, 112p.

1984. *Self-employment* (p.48); *homework* (p.50). Organização Internacional do Trabalho. “Employment of disabled persons: manual on selective placement”. Genebra, Suíça: OIT, 119p.

1986. *Work capacity evaluation: systematic approach to industrial rehabilitation*. Leonard Matheson & Linda Ogden Niemeyer. [citando: “homebound employment: self-employed” e “homebound employment: employee”, na p.5 do Glossário]. Anaheim-CA: Employment and Rehabilitation Institute of California, 197p.

1986. *Fábrica projetada e operada por deficientes*. Desafio de Hoje, Rio de Janeiro-RJ, ano V, nº 53, outubro, p.17.

1989. *New opportunities for entrepreneurs with disabilities to start their own businesses*. Bettye Burkhalter & James Curtis. Journal of Rehabilitation, v. 55, nº 2, p.17-19.

1989. *Instalação por conta própria*. [No Brasil, “negócio por conta própria”]. Decreto-Lei nº 247, de 5/08/1989, regulamentado pelo Despacho Normativo nº 99, de 6/09/1990, em Lisboa, Portugal. Divulgado pela Associação Portuguesa de Deficientes (APD).

1992. *Saiba como montar seu próprio negócio*. Vera Bueno de Azevedo. Dinheiro/Folha de S.Paulo, 2/08/1992, p.2-6.

1992. *The big squeeze: starting a business on the side may be the smartest way to move from employee to entrepreneur. But don't forget your day job and family*. Ronnie Gunnerson. Home Office Computing, janeiro 1992, p.42-44 e 46.

1992. *Blondie bumstead, entrepreneur*. Michael D. Espindle Home Office Computing, fevereiro 1992, p.68-69.

1992. *The ultimate home office: the White House*. Nick Sullivan. Home Office Computing, fevereiro 1992, p.44-46.

- 1992.** *Make your voice heard in Washington: the big issues for small businesses are big issues in Congress.* Nick Sullivan. Home Office Computing, fevereiro 1992, p.47-49.
- 1992.** *I, publisher: publishing your own book can help you make money and promote your business.* Mark Alvarez. Home Office Computing, fevereiro 1992, p.51-55.
- 1992.** *Is your business illegal?* Paul Edwards & Sarah Edwards. Home Office Computing, fev. 1992, p.32.
- 1992.** *New business, new home.* A.C. Croft. Home Office Computing, março 1992, p.48-49.
- 1992.** *How about tax cuts for the self-employed?* Nick Sullivan. Home Office Computing, março, p.80.
- 1992.** *Free and cheap resources for home-based businesses.* Mathew Lesko. Home Office Computing, março 1992, p.52-56.
- 1992.** *The home-office comes of age.* Paul Edwards & Sarah Edwards. Home Office Computing, abril 1992, p.26.
- 1992.** *The small business administration: good help, if you can get it.* Timothy Middleton. Home Office Computing, maio 1992, p.62-65.
- 1992.** *Unmask hidden costs of self-employment.* Nick Sullivan. Home Office Computing, junho 1992, p.62.
- 1992.** *Charles Givens, a millionaire in his home-office.* Michael D. Espindle. Home Office Computing, julho 1992, p.62-63.
- 1992.** *Little follies? not in this Hampton's home-office.* Anne E. Magruder. Home Office Computing, julho 1992, p.22-23.
- 1992.** *Setting up a home-business network.* Paul Edwards & Sarah Edwards. Home Office Computing, agosto 1992, p.24 e 26.
- 1993.** *Pequeno negocio.* Miguel Ángel Verdugo Alonso & Cristina Jenaro Río. El empleo con apoyo, una nueva posibilidad laboral para personas con discapacidad. Salamanca, Espanha: Universidad de Salamanca.
- 1993.** *Entidades ajudam a abrir microempresa.* Carlos Thompson. Finanças/Folha de S.Paulo, 28/02/1993, p.2-8.
- 1993.** *Saiba contribuir como autônomo ao INSS.* Finanças/Folha de S.Paulo, 7/03/1993, p.2-9.
- 1993.** *Descrição do cargo de consultor em criação de pequenos negócios [Small business development consultant].* Projeto para pessoas reabilitadas, instituído pelo Ministério de Administração Pública, Emprego e Segurança do Governo de Angola em parceria com a Organização Internacional do Trabalho (ANG/93/MO1/NRC – Vocational Rehabilitation and Employment of Disabled Angolans), 2p.
- 1994.** *30 negócios para você começar em casa.* Pequenas Empresas Grandes Negócios, ano IV, nº 6. Guia do empreendedor, p.3-82.
- 1995.** *O escritório em casa: o ambiente doméstico pode ser a sua empresa - É só pôr o seu micro para trabalhar; descubra o que fazer e os cuidados a tomar.* George Tutumi. Home Office PC, ed. especial, nº 4, maio 1995, p. 17-62.
- 1995.** *The ultimate office.* Chris Sandlund & Victoria Spencer. Home Office PC, agosto 1995, p.52-53.

- 1995.** *Business communication that really works! technology for business* (Para pequenos negócios). Peter H. Engel; Kathleen R. Allen & Bonnie Lund. [Com centenas de fotos e desenhos]. Small Business Solutions Series. Canadá: Affinity Publishing, 119p.
- 1996.** *Self-employment training: job creation within the employment, education and training model*. Jeffrey Foley. Goodwill Forum, vol. 10, nº 1, p. 15-19.
- 1997.** “*Modalidade empresarial de emprego apoiado*”. Romeu Sasaki. Inclusão, construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, [8.ed. em 2010].
- 1997.** *Escritório em casa leva a ‘jornada dupla’*. Suzana Barelli. Folha de S. Paulo, 27/07/1997, p.14.
- 1997.** *Educação profissional e colocação no trabalho: um manual para profissionais e dirigentes*. Cristina Batista et al. [citando: “programa de emprego competitivo apoiado” (p. 35-39); “programa de trabalho autônomo” (p. 39-41); “indústria caseira” (p. 41-42); “microempresa”(p.43-44); “implantação do programa de emprego competitivo apoiado” (p. 77-78); “implantação do programa de trabalho autônomo” (p. 78-80); “indústria caseira” (p. 80-81); “microempresa” (p. 82); “geração de renda versus colocação profissional” (p. 83-85). Brasília-DF: Fenapaes, 101p.
- 1998.** *Uma alternativa contra o desemprego: Programa de Autoemprego orienta e incentiva pessoas desempregadas a atuar como autônomas, microempresárias*. Márcio Sillane. Metro News, 11/03/1998, p. 3.
- 1999.** *Como trabalhar por conta própria*. Christine Ingham. Portugal: Lyon Edições, 2.ed., 150p.
- 1999.** *Pesquisa sobre “negócio próprio”*. Michel Pascal. M.P. Marketing (workfromhome.com.br), por e-mail em 7/11/1999.
- 1999.** *Montar escritório para iniciar negócio (p.1): sistema home-based exige mais dedicação dos franqueados*. Magali Balloti. Franquias/O Estado de S.Paulo, 23/11/1999, p.2.
- 1999.** *A pequena empresa, em pequenos pontos: deu vontade de ser dono do próprio nariz? Tudo bem, mas atenção às recomendações do superintendente do Sebrae-MG*. Paulo Jebaili. Talento, nº 149, outubro 1999, p.46-47.
- 1999.** *O seu melhor lugar ao sol: 17 caminhos para descobrir uma ocupação gratificante e fazer carreira na economia globalizada*. Ricardo de Almeida Prado Xavier. São Paulo-SP: STS, 171p.
- 2000.** *Escritório na residência*. O Estado de S.Paulo, 9/01/2000.
- 2000.** *Sites dão assistência a pequeno empresário: na internet, o empreendedor encontra de cálculo de impostos e testes a dicas de marketing e franquias*. Folha de S.Paulo, 23/04/2000.
- 2000.** *Trabalho em casa é o destaque no salão*. Tudo/Folha de S.Paulo, 10/09/2000, p.3.
- 2000.** *O primeiro tiro: universidades brasileiras apostam no empreendedorismo e armam futuros profissionais para os desafios de um mercado sem empregos*. Fernanda Nobre. Ensino Superior, ano 2, nº 18, fev., p.24-27.
- 2001.** *Trabalhar em casa: truques para integrar o escritório aos outros ambientes*. Cíntia Araium. Viver Bem, ano 11, nº 89, fev. 2001, p.38-51.

- 2001.** *Incubadora de tecnologias dá vida a empresas: para ajudar pequenos empreendedores* [Aquecedor simples e barato entra em fase de produção com aval da USP, Ipen e IPT]. José Maria Mayrink. O Estado de S.Paulo, 5/03/2001, p.A10.
- 2002.** *Quando o trabalho mora em casa.* Fabiana Caso. Feminino/ Folha de S.Paulo, 27/04/2002, p.10-11.
- 2002.** *Escritório em casa deixa trabalho mais agradável: Morar e trabalhar no mesmo imóvel dá mais comodidade ao profissional, mas exige cuidados na hora da reforma.* Marina Pauliquevis. O Estado de S.Paulo, 30/06/2002.
- 2005.** *Raciocínio 'deficiente' cria ONG que defende direitos* [sobre Teresa Costa D'Amaral]. Bruno Lima. "8 empreendedores mudam a vida de 800 mil pessoas: Projetos sociais finalistas refletem a diversidade do país, mas, em comum, resgatam a autoestima; Brasil é o 2º no mundo de inscrições". Patrícia Trudes da Veiga. Empreendedor Social/Folha de S.Paulo, 6/12/2005.
- 2005.** *Revolução nas aulas: Aumenta o ensino do empreendedorismo no país para formar cidadãos capazes de mudar a realidade. Este ano 170.000 alunos vão receber lições sobre o tema em diversas ações do Sebrae.* Época, nº 353, 21/02/2005, p.2-8.
- 2006.** *Empreendedorismo conquista o Brasil.* Fazendo a Diferença, revista da Associação Junior Achievement do Brasil. Porto Alegre-RS: Ajab, 74p., p.38-39.
- 2006.** *Autonomia pode melhorar vida na terceira idade: quanto maior a independência, melhor será o estado geral do indivíduo, segundo a Unifesp.* Ligia Formenti, O Estado de S.Paulo, 30/05/2006, p. A20.
- 2006.** *Autonomia impulsiona home-offices.* Folha de S.Paulo, 28/10/2006.
- 2006.** *Mi casa, my office.* Claudette Oliveira. [reportagem sobre Marisa do Nascimento Paro e José Olímpio Cavallini como empreendedores & sobre Gilván Ricardo César como teletrabalhador]. Sentidos, ano 7, nº 38, p.52-54.
- 2006.** *Feira do Empreendedor em Fortaleza-CE.* Reação, ano IX, nº 53, nov./dez.
- 2007.** *O acesso ao trabalho: análise à luz da inclusão.* Romeu Sassaki. Reação, ano X, nº 59, nov./dez., 2007, p.20-23.
- 2008.** *Morar no trabalho: novos empreendimentos paulistanos reúnem escritório e casa na mesma torre - tendência de unir casa e escritório se firmou nos anos 90.* Débora Fantini. Imóveis/Folha de S.Paulo, 23/03/2008, p.1-2.
- 2008.** *O melhor amigo do seu trabalho em casa: quem monta um escritório em casa – ou mesmo quem possui uma família "informatizada" - tem nas multifuncionais uma auxiliar e tanto.* Henrique Cesar Ulbrich. Windows Vista, nº 12, outubro 2008, p.82-88.
- 2009.** *Dormindo no serviço (p.1): uso de insumos e circulação são restritos.* Mariana Desimone. Imóveis/Folha de S.Paulo, 22/02/2009, p.1-2.
- 2009.** *Autônomos têm direitos exclusivos: entre outras vantagens, lei do Microempreendedor Individual garante benefícios fiscais e tributários.* Empreendedor/Folha de S.Paulo, 23/12/2009, p.2.
- 2009.** *O caminho na direção de vários benefícios: por meio do Portal do Empreendedor, os empresários podem se cadastrar gratuitamente.* Empreendedor/Folha de S.Paulo, 23/12/2009, p.3.

- 2009.** *Vantagem que já vem com respostas prontas: confira algumas dúvidas comuns aos que planejam formalizar seus negócios, respondidas pelo Portal do Empreendedor.* Empreendedor/Folha de S.Paulo, 23/12/2009, p.4-5.
- 2009.** *Profissionais atentos às oportunidades: possibilidade de formalização estimula trabalhadores a planejar o crescimento de seus negócios.* Empreendedor/Folha de S.Paulo, 23/12/2009, p.6.
- 2009.** *Medidas locais auxiliam empreendedores: o compromisso dos municípios para a legalização das micro e pequenas empresas é essencial.* Empreendedor/Folha de S.Paulo, 23/12/2009, p.7.
- 2009.** *Compromisso com o desenvolvimento: centros de apoio e reformulação do Portal do Empreendedor representam avanços.* Empreendedor/Folha de S.Paulo, 23/12/2009, p.8.
- 2009.** *Além de necessário, controle ajuda a crescer: microempreendedor Individual tem de fazer apenas uma Declaração Anual Simplificada.* Empreendedor/Folha de S.Paulo, 25/12/2009, p.2.
- 2009.** *Especificidades na emissão de nota fiscal: confira a sistemática aplicada aos microempreendedores individuais em diferentes situações.* Empreendedor/Folha de S.Paulo, 25/12/2009, p.3.
- 2009.** *Tratamento diferenciado de fato: entenda os dispositivos legais que favorecem micro e pequenas empresas e o MEI.* Empreendedor/Folha de S.Paulo, 25/12/2009, p.4.
- 2009.** *Individual, mas não necessariamente só: os microempreendedores que optarem pelo Simei podem contratar funcionário, mas estão sujeitos a regras.* Empreendedor/Folha de S.Paulo, 25/12/2009, p.5.
- 2009.** *Oportunidade gratuita e sem burocracia: central de Relacionamento do Sebrae-SP responde às dúvidas mais frequentes em relação ao MEI.* Empreendedor/Folha de S.Paulo, 25/12/2009, p.6-7.
- 2009.** *Muita atenção a taxas indevidas: contabilistas e entidades reconhecidas são as fontes confiáveis para informar os empresários.* Empreendedor/Folha de S.Paulo, 25/12/2009, p.6-7.
- 2009.** *Respeito às minorias.* Empreendedor/Folha de S.Paulo, 30/12/2009, 8p.
- 2010.** *Almoço ameniza falta de colegas: profissionais que atuam em casa marcam encontro para reativar convívio e trocar ideias.* Jordana Viotto. Folha de S.Paulo, 21/02/2010.
- 2010.** *Pequenas têm aumento de 130%: Maioria das empresas não faz registro de marca no Inpi; para especialista, falta conscientização.* Negócios/Folha de S.Paulo, 19/10/2010, p.2.
- 2011.** *Para virar empresário: o cenário econômico nunca foi tão favorável ao empreendedor - Descubra o que você deve fazer e os cuidados que precisa tomar antes de realizar o sonho de ser dono do próprio negócio.* Adriana Nicarcio & Fabíola Perez. Daniel Rosini. IstoÉ, ano 35, nº 2.191, 9/01/2011, p.126-127.
- 2011.** *'Home-office' exige cooperação familiar.* Patrícia Basílio. Folha de S.Paulo, 18/09/2011.
- 2011.** *Rede Folha de empreendedores socioambientais: iniciativa reúne 35 organizações altamente inovadoras e de reconhecido impacto social no Brasil e no mundo.* Folha de S.Paulo, 18/09/2011, p.C7.
- 2011.** *Pequenas empresas sofrem para contratar qualificados.* Felipe Gutierrez. Folha de S.Paulo, 11/12/2011.

- 2011.** *Número de devedores do Simples Nacional sobe 24%: volume de micro e pequenas empresas com dívida é o maior da história.* Camila Mendonça. Negócios/Folha de S.Paulo, 18/12/2011.
- 2011.** *Trabalho por conta própria* [Programa de inserção no trabalho]. Sérgio Sampaio Bezerra. Inclusão social da pessoa com deficiência intelectual e múltipla: trabalho, emprego e renda. Sérgio Sampaio Bezerra (org.). Brasília-DF: Federação Nacional das Apaes, p.29.
- 2012.** *Escolas vão ensinar empreendedorismo: aulas de gestão empresarial começam no segundo semestre no ensino fundamental da rede pública.* Patrícia Basilio. Carreiras e Empregos/Folha de S.Paulo, 27/05/2012, p.2.
- 2012.** *Na rede particular, negócio é coisa séria: além de ensinarem a gerir empresas, escolas privadas organizam feiras e empreendedorismo para os alunos.* Carreiras e Empregos/Folha de S.Paulo, 27/05/2012, p.3.
- 2012.** *Meninos de negócios: dois garotos que tiveram aulas de empreendedorismo na escola contam seus planos para conquista o mercado.* Patrícia Basilio. Carreiras e Empregos/Folha de S.Paulo, 27/05/2012, p.4.
- 2012.** *Dono de imóvel empreende menos: quem prefere o primeiro negócio à casa própria tem perfil arrojado e é disposto a arriscar.* Felipe Gutierrez. Negócios/Folha de S.Paulo, 27/05/2012, p.2.
- 2012.** *Gênero deixa de ser fator de influência: maioria dos novos empreendedores tem entre 25 e 34 anos, diz pesquisa.* Negócios/Folha de S.Paulo, 27/05/2012, p.3.
- 2012.** *1 em cada 4 adultos tem ou está abrindo negócio: pesquisa mostra que proporção de empreendedores no país é maior que nos EUA - para cada negócio aberto por necessidade, 2,24 empresas são criadas para aproveitar as oportunidades.* Claudia Rolli. Folha de S.Paulo, 3/07/2012.
- 2012.** *Saiba quando é bom ter negócio em casa.* Thiago Santos. Folha de S.Paulo, 19/08/2012.
- 2012.** *Escritório em casa: trabalho para uns e canto de lazer para outros, o home-office se tornou um espaço obrigatório nos lares modernos.* Guilherme Torres. Encontro, ano XI, nº 135, p.140-144.
- 2012.** *Escritório em casa: aumenta número de profissionais que trabalham por conta própria no Brasil; veja conselhos para se tornar um free-lancer bem-sucedido e feliz em sua atividade.* Reinaldo Chaves. Carreiras/Folha de S.Paulo, 11/11/2012, p.4-7.
- 2013.** *Pequenas empresas também podem e devem ser inclusivas.* Reação, ano XVI, nº 93, jul./ago., 2013, p.18.
- 2013.** *Uma jornada para o empreendedorismo: um projeto de vida!* Suely Carvalho de Sá Yañez. In: Reação, ano XVI, nº 93, jul./ago., 2013, p.80.
- 2013.** *Microfranquias atraem novos empreendedores.* Rogério Gabriel. Franquias: oportunidades em alta [Informe Publicitário], Folha de S.Paulo, 27/05/2013, p.14.
- 2013.** *Redes são sinônimo de bons negócios: franchising ajuda a elevar o faturamento das marcas e desperta cada vez mais o interesse de empreendedores.* Associação Brasileira de Franchising. Franquias: oportunidades em alta [Informe Publicitário], Folha de S.Paulo, 27/05/2013, p.16.

- 2013.** *Segurança para quem deseja empreender.* Wlamir Bello & Paulo César Mauro. Franquias: Oportunidades em alta [Informe Publicitário], Folha de S.Paulo, 27/05/2013, p.20.
- 2014.** *Sonho realizado pelas próprias mãos: Artesanato e outros tipos de trabalhos manuais como alternativa de geração de renda para pessoas com deficiência.* Lucas Vasques. Fotos: Viviane Corrêa. Sentidos, ano 13, nº 81, mar./abr., 2014, p.16-21.
- 2015.** *Avanço desigual: Pesquisa aponta que o número de negros empreendedores supera o de brancos, mas renda ainda é menor.* Fernanda Perrin. Folhainvest/Folha de S.Paulo, 6/04/2015, p.B10.
2015. *Muita garra, pouca técnica: É preciso estudar para gerenciar o negócio próprio, mas, entre os que querem empreender, são poucos os que fazem capacitações.* Carolina Dantas. Folha de S.Paulo, 1º/06/2015.
- 2015.** *Empreendedores são impulsivos e devem aprender a se questionar.* Fernanda Perrin. Negócios e Carreiras/Folha de S.Paulo, 21/06/2015, p.3.
- 2016.** *Geógrafo muda de carreira e abre escola de sorvete em SP.* Adriana Fonseca. Folha de S.Paulo, 31/01/2016.
- 2016.** *Sem faca nos dentes.* Ferreira Gullar. Ilustrada/Folha de S.Paulo, 21/08/2016, p.C10.
- 2016.** *'Empreendedorismo por necessidade' freia inovação: Boom de microempresas pouco sofisticadas ameaça eficiência econômica; microempreendedores atuam em sua maioria em setores com baixa produtividade e uso reduzido de tecnologia.* Érica Fraga. Folha de S.Paulo, 28/08/2016.
- 2016.** *Com R\$ 50 dados pela avó, jovem cria rede vegetariana milionária.* Fernanda Silva. Folha de S.Paulo, 14/02/2016.
- 2016.** *Ministério da Transparência e Sebrae têm programas para as microempresas: micro e pequenas empresas, que somam 99% no país e um terço do PIB, também podem participar do selo Pró-Ética.* Folha de S.Paulo, 4/12/2016.
- 2016.** *Negócio próprio.* Caio Alfieri & Marcia Soman. Folha de S.Paulo, 14/02/2016.
- 2016.** *Máquinas de costura adaptadas: equipamentos possibilitam que pessoas com deficiência trabalhem com confecção industrial ou artesanal.* Letícia Leite. Incluir, ano 6, nº 42, ago./set., 2016, p.80-81.
- 2016.** *Junto ou misturado: prós e contras de trabalhar dentro de casa ou dividir um espaço.* Folha de S.Paulo, 16/10/2016.
- 2017.** *Emprego apoiado; trabalho autônomo; indústria caseira; microempresa.* Maria Helena Oliveira (org.). Trabalho, emprego e renda: ações profissionalizantes da Rede Apae para pessoas com deficiências intelectual e múltipla. Brasília-DF: Apae Brasil, 200p.
- 2017.** *Empreender significa lidar com certo grau de incerteza.* Juliano Seabra. Folha de S.Paulo, 22/01/2017.
- 2017.** *Ex-sede do governo, palácio vai virar 'escola de negócios': projeto prevê a criação de uma incubadora e um museu da história do próprio prédio.* Giba Bergamin Jr. Folha de S.Paulo, 14/07/2017, p.B4.
- 2017.** *Toda a luz que não se vê: O que o empreendedor pode fazer para diminuir os gastos com energia.* Jussara Soares. Pequenas e Médias Empresas/Folha de S.Paulo, 23/07/2017, p.2.

- 2017.** *Empresas se adaptam para atrair executivas: treinamento de profissionais e políticas de trabalho em casa e de horário flexível são algumas das alternativas - convencer as mulheres de que podem alçar voos mais altos na carreira é outro lado sensível na questão de gênero.* Folha de S.Paulo, 14/08/2017.
- 2018.** *Home office é saída para ganhar tempo.* Ana Luiz Tieghi & Fernanda Reis. Folha de S.Paulo, 4/02/2018, p.D3.
- 2018.** *Ideias para ter seu escritório em casa.* Júlia Zaremba. Folha de S.Paulo, 4/02/2018, p.D4.
- 2018.** *Grandes nomes formam casting da Convergêr.* Reação, ano XXI, nº 125, nov./dez., p.70.
- 2018.** *1º Fórum Marketing Assistivo foi marcado por importantes apresentações em São Paulo-SP.* In: Reação, ano XXI, nº 125, nov./dez., p.76.
- 2018.** *Barreiras na inclusão de trabalhador com deficiência ou com mobilidade reduzida* (p.179-181). Romeu Sasaki. Dicionário de Saúde e Segurança do Trabalhador: conceitos, definições, história, cultura. René Mendes (org.). Novo Hamburgo-RS: Proteção, 1.279p.
- 2018.** *Índice de funcionalidade brasileiro - IFBR* (p.627-628). Izabel de Loureiro Maior. Dicionário de Saúde e Segurança do Trabalhador: conceitos, definições, história, cultura. René Mendes (org.). Novo Hamburgo-RS: Proteção, 1.279p.
- 2018.** *Pessoas com deficiência e trabalho* (p.879-880). José Carlos do Carmo (Kal). Dicionário de Saúde e Segurança do Trabalhador: conceitos, definições, história, cultura. René Mendes (org.). Novo Hamburgo-RS: Proteção, 1.279p.
- 2018.** *Promovendo a diversidade e a inclusão mediante adaptações no local de trabalho: um guia prático.* Organização Internacional do Trabalho. Tradução: Romeu Sasaki. São Paulo-SP: Santa Causa Boas Ideias & Projetos, 88p.
- 2020.** *Best home-based online small business ideas to start.* David Lye. <https://davidlye.net/best-home-based-online-small-business-ideas-to-start/#more>, 9 agosto 2020.